



VIDA INTELIGENTE

CSI À PORTUGUESA NO PORTO



É uma das geneticistas forenses mais influentes. Recebeu o prémio Seed of Science e está entre as 15 melhores do mundo. Portugal dá cartas nesta área?

—Foi muito positivo termos recebido este reconhecimento de uma entidade idónea como a Reuters. Foi uma surpresa o meu nome estar lá – mas não que o nosso grupo seja dos mais citados. O prémio trouxe a noção de que estamos muito bem situados, parece que Portugal está sempre atrás em tudo e não é verdade. O nosso grupo faz muito bom trabalho, somos dos mais ativos no grupo espanhol e português da International Society for Forensic Genetics, nomeadamente quando aparecem marcadores novos ou é necessário caracterizar melhor outros.

O que são marcadores?

—São zonas do genoma que permitem obter um perfil genético para identificar pessoas ou amostras ou para fazer testes de parentesco ou de paternidade, por exemplo, em caso de disputa de heranças.

São frequentes os pedidos?

—Muitas vezes não sabemos a razão, mas desconfiamos. Também já fomos procurados por causa de uma parecença física. Um senhor de Lisboa que foi de férias para os Açores e na rua toda a gente o cumprimentava:

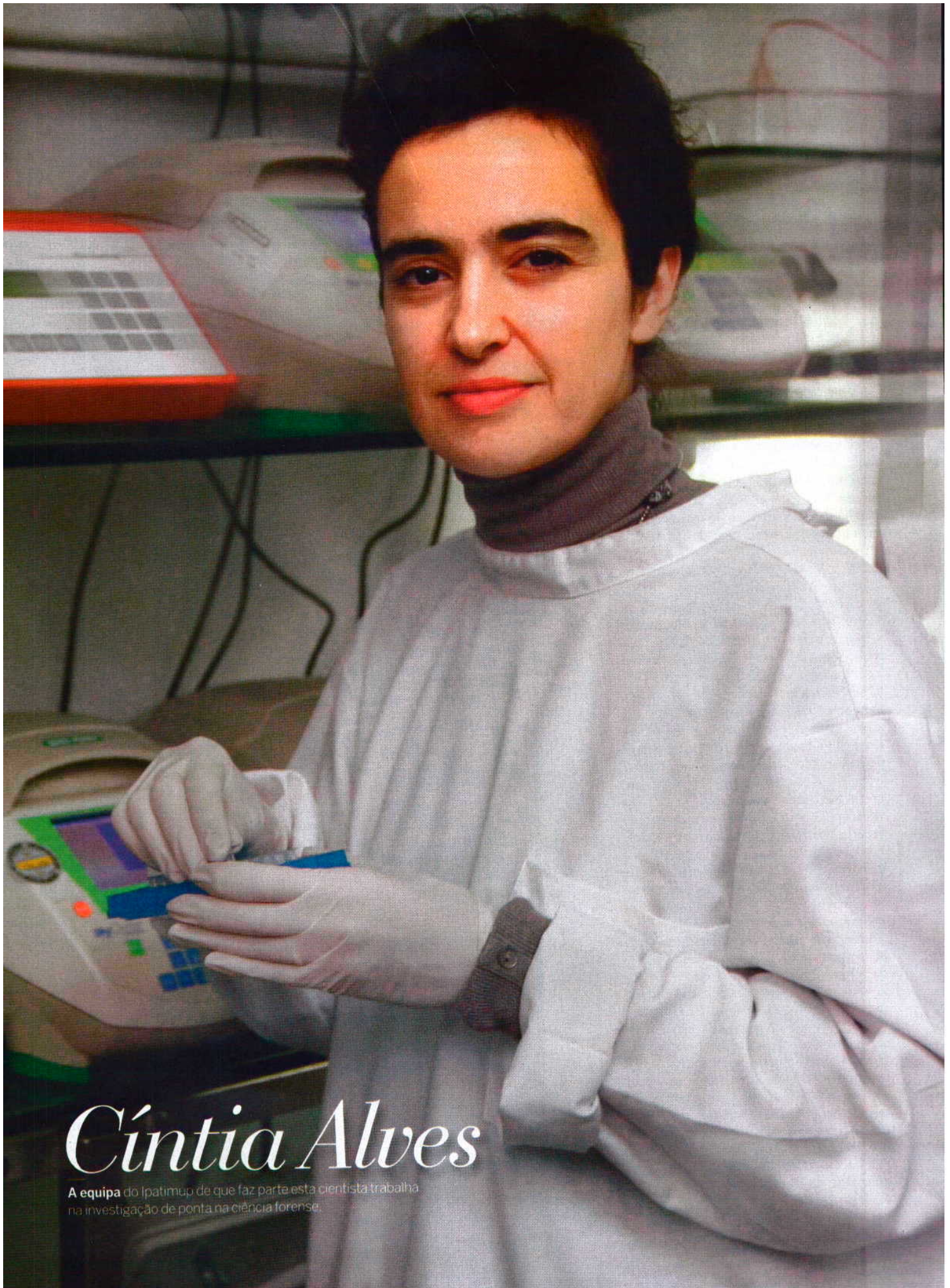
Cíntia Alves foi considerada uma das 15 cientistas mais referenciadas na área da genética forense: assim ditou o prémio internacional que recebeu. Ajuda tribunais ingleses e identifica pais biológicos. O mundo da genética visto a partir do Porto.

ENTREVISTA DE ALEXANDRA FIGUEIRA
FOTOGRAFIAS DE LEONEL DE CASTRO/
/GLOBAL IMAGENS

«Olá senhor padre.» Curioso, foi conhecer o padre e verificou que eram muito parecidos. Fizeram o teste, mas não eram relacionados, era pura coincidência. Além disso, em Portugal, quando uma mãe regista um filho e não revela o nome do pai inicia-se um processo de averiguação oficiosa de paternidade (AOP). O Ministério Público entra em ação para descobrir a verdade biológica, entrevista a mãe e, na maior parte dos casos, chama os indivíduos indicados (muitos nem sabiam da gravidez ou sabiam mas não queriam envolver-se) para fazerem testes de paternidade genéticos.

Por norma, identificam o pai?

—Entre 75 e oitenta por cento dos casos as mães sabem quem são os pais. Mas a maioria dos processos só permite saber quem é o pai biológico, pelo menos aparentemente não desencadeia um processo posterior de regulação do poder paternal, para a educação da criança, pagamento da pensão de alimentos, o que for. Sabemos disto em virtude de uma colaboração com Helena Machado, da Universidade do Minho, que está a fazer um trabalho interessante sobre testes de paternidade e as AOP: para compreender se têm interesse, quais as consequências, se os direitos e interesses do



Cíntia Alves

A equipa do Ipatimup de que faz parte esta cientista trabalha na investigação de ponta na ciência forense.



VIDA INTELIGENTE

menor são protegidos.... O Ministério Público acaba no processo as suas responsabilidades, deixa as pessoas por conta própria. Na maioria dos países europeus, o interesse principal é garantir a subsistência do menor. Cá, parece que a maior preocupação é a identidade biológica da criança, o reconhecimento social.

Ainda há estigma social contra uma criança que não sabe quem é o pai?

— A mãe deve sentir mais do que a criança. Uma criança pode sentir a falta da imagem do pai, mas isso também pode acontecer com pais divorciados ou emigrados. As pessoas estão mais abertas, a família não tradicional é cada vez mais comum e as crianças têm uma grande capacidade de adaptação.

Mas haverá mulheres que simplesmente não querem que o pai seja conhecido e interfira na vida da criança...

— Claro. As AOP estão desatualizadas no contexto atual. A família já não pode ser descrita só como homem, mulher e filhos. Há mulheres que podem querer ter um filho sem pai, podem ir a um banco de esperma. Aí, qual é o processo por que têm de passar para conseguirem ser mães solteiras?

Já apareceu alguém a querer saber o sexo do bebé antes das 12 semanas de gravidez?

— Não, mas já recebemos casos de amostra de líquido amniótico para fazer o teste de paternidade. Não sei qual o objetivo, se o aborto ou não. Na maior parte dos casos, prefiro nem saber o que está por detrás dos pedidos. É complicado pensar que alguém faz um teste de paternidade para, se não gostar do resultado, fazer um aborto... mas pode haver sempre razões diferentes, em que não tínhamos pensado, podemos estar a fazer juízos de valor sobre situações que nem imaginamos poderem acontecer.

É possível encomendar pela internet e receber por correio testes de paternidade, por cerca de trezentos euros. São fiáveis?

— Esse tipo de testes nunca terão validade judicial, as colheitas de amostras sem testemunhas fidedignas nunca serão admissíveis em tribunal. E qualquer pessoa pode ir buscar uma amostra biológica, não sabemos que tipo de pessoa está por detrás, qual o objetivo. No Ipatimup, o teste tem de ser pedido por um tribunal ou por um médico e a pessoa tem de assinar uma declaração de consentimento informado. Mas há um vazio legal, talvez houvesse necessidade de regulamentar para proteger os direitos individuais.



O laboratório trabalha com a justiça inglesa, mas não com a portuguesa.

DIAGNÓSTICOS, CRIMES E TRIBUNAIS

O Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da universidade do Porto (Ipatimup) também ajuda a identificar criminosos. Como?

Podemos testar se determinada amostra pertence a determinado indivíduo. O mais comum é identificar um suspeito. Mas, apesar de estarmos preparados, os tribunais só mandam amostras para a Polícia Científica ou para o Instituto de Medicina Legal.

Há uma entidade inglesa que vos contrata para isso.

Em novembro, fomos contactados por uma empresa britânica de peritos em defesa de casos a quem os tribunais mandam fazer colheita de material na cena do crime e de amostras de referência dos suspeitos. Enviam-nos as amostras e nós fazemos o perfil. O tipo de amostra é muito variável, pode ser fita-cola com que fazem um esfregaço (sobretudo em roupa), ou um pedaço de vestuário, ou um esfregaço de sangue numa arma. Cada amostra é um desafio.

O Ipatimup poder fazer testes admissíveis em tribunais ingleses, mas não nos portugueses?

É uma questão legal, a lei determina que os tribunais só possam fazer estes pedidos à Polícia Científica ou à Medicina Legal. Gostaríamos que a lei fosse alterada, temos as condições para fazer este trabalho, o Ipatimup Diagnósticos é o único laboratório português acreditado pelo Colégio Americano de Patologia.

O Ipatimup também faz testes de ancestralidade. Para que servem?

— Permitem saber, mais ou menos, qual é a nossa origem, mas são dados muito pouco seguros. A maior parte das pessoas pede-o por curiosidade, porque está a estudar a sua genealogia. Também por questões religiosas. Um senhor pediu-nos um teste na linhagem materna porque precisava de provar que era judeu, para emigrar para Israel. O consulado dizia que tinha de provar ser judeu ou converter-se, o que poderia demorar uns dois anos. Nós explicamos que o teste só permite provar se pertence a um grupo mais frequente nas populações judaicas, o que aconteceu, mas não tivemos nenhum *follow up*.

Pode acontecer uma pessoa querer saber se alguém tem ascendência judaica ou negra, por racismo ou ideologia?

— É fantasia total, é loucura. Mas acredito que haja gente a querer fazer este teste com esse objetivo. Mas aqui nunca nos apareceu.

Testes de ancestralidade também podem revelar a propensão para certas doenças?

— Pode haver algum interesse. Há doenças, mutações, mais frequentes, por exemplo, na população africana do que na europeia. É o caso do cancro: um indivíduo até pode ter um aspeto caucasiano, mas se tiver ancestralidade africana o melhor tratamento pode ser outro. A aparência não diz nada sobre a ancestralidade, as aparências iludem e também podem iludir um tratamento.

Há décadas, a genética prometia tratamentos personalizados. A promessa está a concretizar-se?

— Está a ser concretizada ao ritmo da tartaruga. Direcionar terapias ainda é um campo muito vasto, que está a ser explorado. Precisamos de mais tecnologia e muita investigação. Achou-se que o genoma estava sequenciado mas não está, apenas está sequenciado o genoma de meia dúzia de pessoas. Existe muita variabilidade genética entre as pessoas, diversidade é o que nos compõe, somos mesmo todos diferentes.

As células estaminais são úteis, ou perspectiva-se que venham a ser no futuro próximo? Vale a pena criopreservar o cordão umbilical?

— Vou ser franca, não sei. A informação que tenho é que a aplicação de células estaminais é muito limitada. Eu própria fui mãe em 2007. Se, na altura, o banco público já existisse, eu não teria dúvida em mandar. Mas durante a gravidez uma mulher já passa por um processo de *stress* suficiente. Entretanto, trouxeram mais uma preocupação: será que eu vou precisar destas células? ●